

Passagens

No exílio há vários momentos de passagem que a pessoa percorre para mudar. Desta passagem, deste movimento desencadeado, algo se encontra mudado ou restabelecido, como é o caso dos milhares de refugiados, que se encontram num estado de extrema precariedade e são forçados a sair do seu país natal, onde já não têm meios de vida, na esperança de restabelecer o seu lar e reagrupar-se.

Houve então as tais passagens que antecedem quase qualquer momento em que nos transformamos de um estado para outro.

Destas reflexões encontrei vários pontos de ligação com o processo de retiro e as passagens que ocorrem antes do criar, estas que me ausentam de mim próprio para conseguir retirar algo do que fui, e redefinir o meu caminhar.

O contacto mais primordial desta conexão é a necessidade de partir, o que movimenta o exilado a sair da sua pátria e o que me movimenta a fazer algo sobre o que já está feito e o meu estado.

Diante este percurso encontrei 3 pontos/momentos de ligação:

Evasão

Da necessidade de evasão surge tudo. Esta surge contra o decadente que habita na situação atual do exilado, e que conseqüentemente sinto tão presente.

Para o exilado, a evasão surge como a resposta mais completa aos seus redores. Vê-se obrigado a exilar-se de onde está por causa de razões externas e necessita de fugir da sua situação para um lugar melhor.

Do meu ponto de vista, esta resposta à situação presente é algo que suporta o mais ínfimo da criação. A procura é constante pelo sítio novo a habitar.

Saída/Transição

No desencadear da evasão, vem o momento de saída, de transição. É o apogeu das passagens do exílio onde todo o esforço é depositado.

Neste momento a pessoa vê-se forçada a envergar em qualquer meio para sair e encontrar porto seguro.

E tal como o refugiado parte do seu lar inabitável para a busca, esta deriva é partilhada entre ele e o artista, que deriva entre o que habita em si e se redefine com vigor e liberdade.

Reagrupação

Após a deriva, após tudo o que se perdeu por abandono repentino, vem o momento de calma depois da tempestade, onde se constrói o que vem a ser o lar noutra lugar, a nova casa. É depois do percorrer e da deriva que o exílio exige que se forme de novo a zona de conforto.

Nesta zona de conforto, contemplar o percurso até ao momento permanece como a ligação mais forte com o passado.





